

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 6: A liberdade cristã

1 Coríntios 10 e 11

"Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas me convêm, todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam." (1Coríntios 10.23).

Elaborado por Judson Farias Marques
judsonfm@ig.com.br

Queridos amigos e irmãos, nós agora estudaremos sobre a liberdade cristã. Este estudo está baseado nos capítulos 10 e 11 da primeira carta do apóstolo Paulo aos coríntios. Para ajudar ao desenvolvimento do tema, a liberdade cristã, começamos com a pergunta: Qual o limite da liberdade cristã? Para responder o apóstolo Paulo nos fornece alguns pontos importantes nos versos 1 a 13 do capítulo 10. Faz um relato das experiências que viveram os filhos de Israel durante a passagem pelo deserto. Mostra que todos os israelitas estiveram debaixo da nuvem, passaram pelo mar, foram batizados em Moisés, comeram do maná, beberam da pedra espiritual que era Cristo. Mas Deus não se agradou da maior parte deles. Por isso foram prostrados no deserto (v. 5). A seguir relaciona uma série de pecados que cometeram como a cobiça de coisas más, idolatria, prostituição, por Deus à prova, e murmuração. Esta relação de pecados justificou a atitude severa de Deus punindo parte do povo eleito. O Senhor corrige a quem ama (Hb 12.6). O verso 13 afirma que Deus prova os seus e o limite determinado por Ele, que dá o escape e a intensidade de acordo com a capacidade do homem que está sendo provado. Ora, fica claro que o limite da vida cristã é a fé. Quando somos provados precisamos estar certos que Deus nos testa na medida certa. Por isso não devemos dar lugar ao pecado nem duvidarmos do poder e do amor de Deus por nós. A vida cristã limita-se a dependência total e irrestrita de Deus. Participamos de vários momentos em

que cristãos titubearam na fé. Esta atitude resultou em prejuízos materiais e espirituais.

O Trecho de 1Co 10.14-33 pode ser considerado como uma continuação de 1Co 8.1-13, anteriormente estudado. Paulo no capítulo 8 falou sobre o escândalo que provocava para os novos crentes, a prática dos antigos crentes que se achavam com mais sabedoria da palavra, e por isso achavam que podiam comer carnes sacrificadas aos ídolos. No texto de 1Co 10.14-33, que agora estudamos, ele aumenta a relação dos princípios que devem reger nossa conduta moral quanto às coisas sacrificadas aos ídolos. Mostra que embora os ídolos nada contenham de valor para o cristão, não devemos, conscientemente, participar de atos que os reverenciem ou do uso de produtos que foram a eles dedicados. No verso 31 ensina que todos os nossos atos devem ser para a glória de Deus. Logo, não é lógico que também gloriemos os ídolos. No trecho de 1Co 10.16-21 o apóstolo começa a abordar a participação da ceia pelos crentes coríntios. É conflitante a atitude do crente que participa da ceia com os irmãos de uma igreja mas que também participa de outra que professa prática divergente. Esta atitude de muitos fere o ensino Paulino em 1Co 10.21.

Em 1Co 11.2-16 Paulo aborda o uso do véu pelas irmãs no culto. É interessante notar como certas peças do vestuário representam costumes, aspirações, embora sejam locais e temporários. A

atitude de raspar a cabeça era costume das mulheres que menosprezavam o casamento, ou das ex-sacerdotisas dos templos pagãos. A recomendação de uso de véu na igreja para todas as mulheres foi feita para que não fosse possível a identificação das que tinham a cabeça raspada. No entanto algumas mulheres rejeitaram a orientação e provocaram a reprovação dos apóstolos. O uso do véu também simbolizava a submissão da mulher ao homem, o que, já naquela época elas procuravam combater. Cremos que o princípio a extrair da contenda entre os apóstolos, os homens e as mulheres daquela época é que hoje devemos primar pelo uso e práticas que demonstrem estarmos comprometidos com o Senhor Jesus e que também não constranja o nosso irmão.

A celebração da Ceia do Senhor na igreja de Corinto precisou ser organizada e ensinada sobre seus propósitos e significados. O lado bom do fato é que nós hoje dispomos de recomendações e esclarecimentos firmes e preciosos. O desvirtuamento da ceia naquela igreja enseja considerações sobre a instituição, origem, natureza, significado e consequência. Paulo usa como modelo a ceia feita por Jesus com os seus discípulos na noite em que foi traído (1Co 11.23-27). A ceia é um ato memorial de proclamação da morte e da volta do Senhor Jesus. Deve ser repetida até a sua volta. É também uma celebração solene que simboliza pelo pão, o seu corpo partido por nós para nos remir dos pecados; e pelo cálice, o novo pacto no sangue de Jesus. O pacto consumado no sacrifício perfeito foi feito uma única vez (Hb 7.27-28). É um momento de comunhão dos irmãos em Cristo. As diferenças, dissensões, devem ser resolvidas antes do momento da ceia e não continuar após ela. É também um momento de reflexão consequente, isto

é, que provoque edificação na vida cristã (v.28). Tomaram parte na ceia, Jesus e os seus discípulos, mostrando que era um ato íntimo para aqueles que pertenciam àquela comunidade. O pão e o vinho são elementos que representam o corpo e o sangue de Jesus. Não há transformação. Além de ser uma lembrança deve ser uma aplicação à vida de cada crente como alimento. Jesus é o pão da vida. A ceia do Senhor revela e nos faz renovar os nossos propósitos de fé, amor, obediência. Sustenta a nossa esperança de salvação. A ceia do Senhor, observada através dos símbolos do pão e do vinho, é um profundo esquadrinhamento do coração, uma grata lembrança de Jesus Cristo e sua morte vicária na cruz, uma abençoada segurança de sua volta e uma jubilosa comunhão com Cristo vivo e seu povo. Resumindo, a ordenança da Ceia do Senhor é um ato simbólico em memória da morte do Senhor Jesus Cristo, do qual devem participar todos os crentes. A observância da ceia é a ocasião de auto-exame, reavivamento e ações de graças dos membros da igreja. Não cremos que o pão e o vinho sejam literalmente transformados no corpo e no sangue de Cristo. Mas a cerimônia focaliza unicamente a presença salvadora de Jesus.

A liberdade cristã fica limitada pela busca do melhor relacionamento com Deus e com os nossos irmãos. É o sentimento de paz que nos é transmitido por estar em Cristo (2Co 5.17).

Não devemos estar preocupados apenas com a aparência das nossas atitudes, no comer carne que não seja sacrificada a ídolos, na participação nos cultos e na ceia, os lugares que freqüentamos. Exercitar a liberdade Cristã é viver permanentemente consciente da presença de Jesus em nossa vida. Amém.